

**A negação da identidade do trabalho como princípio educativo: um olhar profundo
sobre o sentido histórico do trabalho diante da política do capital**

**The denial of labor identity as the educational principle: a deep look on the historical
sense of work before capital policy**

**La negación de la identidad del trabajo: una mirada profundo sobre el sentido histórico
del trabajo ante la política del capital**

Recebido: 04/05/2019 | Revisado: 04/05/2019 | Aceito: 08/05/2019 | Publicado: 18/05/2019

Alcemir Horácio Rosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2359-5903>

IFCE – Instituto Federal do Ceará, Brasil.

E-mail: alcemirhoracio@ifpi.edu.br

Francisco José Alves de Aquino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2963-3250>

IFCE – Instituto Federal do Ceará, Brasil.

E-mail: fcoalves.aq@gmail.com

Resumo

O trabalho é algo inerente ao homem, e, historicamente, fundamental para o desenvolvimento e para a sobrevivência humana. Sobretudo; além da sobrevivência, o trabalho é algo naturalmente produtor e agregador de conhecimento e de saber. E é neste sentido que o trabalho ganhou uma identidade educativa. No entanto, essa identidade educativa do trabalho está sendo reestruturada diante das mudanças advindas das inovações tecnológicas, globalização, internacionalização do capital e de como a sociedade vem se construindo e se modificando para atender as exigências de crescimento do capitalismo. A presente pesquisa tem como objetivo desencadear uma compreensão e revelar como o capitalismo vem se reestruturando e causando intensas modificações na estrutura do trabalho, sobretudo, em sua essência e sua identidade educativa. Este estudo desenvolveu-se através de levantamento bibliográfico, constituído em caráter qualitativo, através da bibliografia de alguns autores importantes para a temática como Saviani (2007), Engels (2013), Taddei (2014) e Antunes (2007). Conclui-se que o trabalho vem adquirindo uma identidade cada vez mais alienada; adquirindo um sentido reducionista e pobre que se resume em forma de emprego, de funções e exercícios profissionais. Passo a passo o

trabalho vem perdendo seu sentido e identidade. E assim causando uma verdadeira negação do trabalho enquanto atividade criativa e inerente ao ser.

Palavras-chave: Trabalho; Mudanças; Identidade; Emprego e Sentido.

Abstract

Work is something inherent in man, and historically fundamental to human development and survival. About everything; beyond survival, work is something that naturally produces and aggregates knowledge and knowledge. And it is in this sense that work has gained an educational identity. However, this educational identity of work is being restructured in the face of the changes brought about by technological innovations, globalization, internationalization of capital and how society is being built and modified to meet the demands of capitalism's growth. The present research aims at unleashing an understanding and revealing how capitalism has been restructured and causing intense changes in the structure of work, especially in its essence and its educational identity. This study was developed through a bibliographical survey developed in a qualitative way, through the bibliography of some important authors for the subject such as Saviani (2007), Engels (2013), Taddei (2014) and Antunes (2007). It is concluded that work has acquired an increasingly alienated identity; acquiring a reductionist and poor sense that is summarized in the form of employment, functions and professional exercises. Step by step work has been losing its meaning and identity. And thus causing a real denial of work as a creative and inherent activity of being.

Keywords: Work; Changes; Identity; Employment and Sense.

Resumen

El trabajo es algo inherente al hombre, y, históricamente, fundamental para el desarrollo y para la supervivencia humana. especialmente; además de la supervivencia, el trabajo es algo naturalmente productor y agregador de conocimiento y de saber. Y es en este sentido que el trabajo ha ganado una identidad educativa. Sin embargo, esa identidad educativa del trabajo se está reestructurando ante los cambios surgidos de las innovaciones tecnológicas, globalización, internacionalización del capital y de cómo la sociedad se está construyendo y se modifica para atender las exigencias de crecimiento del capitalismo. La presente investigación tiene como objetivo desencadenar una comprensión y revelar cómo el capitalismo viene reestructurando y causando intensas modificaciones en la estructura del trabajo, sobre todo, en su esencia y su identidad educativa. Este estudio se desarrolló a través de un levantamiento bibliográfico desarrollado en carácter cualitativo, a través de la bibliografía de algunos autores importantes

para la temática como Saviani (2007), Engels (2013), Taddei (2014) y Antunes (2007). Se concluye que el trabajo viene adquiriendo una identidad cada vez más alienada; adquiriendo un sentido reduccionista y pobre que se resume en forma de empleo, de funciones y ejercicios profesionales. Paso a paso el trabajo viene perdiendo su sentido e identidad. Y así causando una verdadera negación del trabajo como actividad creativa e inherente al ser.

Palabras clave: Trabajo; cambios; la identidad; Empleo y Sentido.

1. Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa é o trabalho e as mudanças causadas em sua identidade pela lógica do capital. Uma abordagem sobre a evolução da identidade educativa do trabalho diante do sentido mercadológico adquirido historicamente através do processo de desenvolvimento capitalista.

O trabalho e a educação são atividades exclusivamente desenvolvidas pelo homem. Ou seja, somente o homem tem essa capacidade de trabalhar e educar. Trabalhar é algo natural do homem, pois este é um ser produtor de si mesmo, ele não tem a existência garantida pela natureza, havendo a necessidade do homem modificar a natureza para desenvolver os mecanismos para sua existência. E se a sobrevivência do homem não é algo garantido pela natureza, então este tem que procurar produzir os meios de subsistência. Isso nos leva ao entendimento de que o homem verdadeiramente não nasce homem; ele forma-se homem. Eis a compreensão de que o trabalho é algo vinculado à aprendizagem; pois no processo de formação do homem através do trabalho, este tanto forma-se homem como exerce o aprendizado na forma de trabalho. (SAVIANI, 2007, PÁG. 152 - 156)

A relação do trabalho com a educação nos remete a ideia de que o trabalho é algo inerente ao homem, tratando-se de uma questão de identidade, pois segundo Saviani (2007, Pág. 152) “a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la”. No entanto ainda de acordo com o mesmo autor, o homem não nasce homem, ele forma-se homem, e para formar-se é necessário aprender, e aí acontece esta relação de aprendizagem a partir do trabalho. Sendo, portanto, princípio educativo, pois o homem aprende ao desenvolver sua inteligência e intelecto em prol de alguma atividade, e isso nos permite afirmar que a identidade do trabalho é educativa.

Segundo Ricardo Antunes (2007, Pág. 17) “a sociedade contemporânea vem presenciando profundas transformações”. E de fato, o mundo tem passado por constantes

mudanças principalmente após o surgimento do capitalismo que busca o crescimento do desenvolvimento econômico tão exigido da sociedade do capital, causando nessa dinâmica: mundo-capital-trabalho, intensas ressignificações. E ainda segundo o autor, “A crise experimentada pelo capital, bem como suas respostas, das quais o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível são expressão, têm acarretado, entre tantas consequências, profundas mutações no interior do mundo do trabalho”. Os homens vivem dentro de uma sociedade de regras e de toda uma cultura, por isso fazem parte deste conjunto, são elementos constituindo do conjunto, e, exatamente por isso tem a responsabilidade social de adaptarem-se as suas regras e aos seus modos de convívio. Por isso, as mudanças implantadas pelo idealismo do capital, influência a sociedade, o trabalho e a forma como se dá a aprendizagem e, principalmente, a vida do próprio homem.

Portanto, o homem tem a importante missão de interferir na natureza, com a força do seu trabalho, para desenvolver sua existência. E este processo, é naturalmente produtor de conhecimento. No entanto, também é verdade que o sistema capitalista ao longo de sua reestruturação vem implementando intensas e severas modificações na estrutura do trabalho, modificando até mesmo sua identidade, trazendo á tona um tipo de trabalho associado a ideia de emprego e exercício profissional, fazendo um completo ciclo de negação da identidade do trabalho.

Taddei (2014, Pág. 16) traz em seu trabalho uma ideia do sentido que o trabalho vem adquirindo na ótica capitalista, pois “Com efeito, o trabalho que explora, que aliena, que degrada, que bestializa, por óbvio, não pode servir de princípio para a construção de um projeto de educação emancipatória, muito pelo contrário, porque dessa forma (...) ficaria subordinada às exigências do capital”. A ideologia que se desenvolve através da política capitalista vem desvinculando o trabalho como algo educativo e inerente ao homem e vem vinculando uma ideia com teor mercadológico e alienante.

O objetivo deste trabalho é revelar a negação da identidade do trabalho enquanto princípio educativo ao longo da história através das mudanças causadas pelo capitalismo. Por isso, se faz necessário esclarecermos alguns pontos sobre esta importante temática, como por exemplo: o que faz do trabalho princípio educativo? Quais as principais mudanças causadas pelo capital? Como se dá a negação da identidade do trabalho como princípio educativo.

2. Identidade do trabalho como princípio educativo

É extremamente necessário o levantamento do estudo da temática sobre o princípio educativo do trabalho diante das mudanças causadas pela ideologia capitalista, porque sabemos que o trabalho é por si algo inerente a vida do ser humano, mas é necessário buscar a compreensão de que a identidade do trabalho vem se modificando dentro das constantes mudanças no cenário mundial; principalmente as mudanças comandadas pelo capitalismo usando da força do trabalho em busca de crescimento econômico.

O trabalho é a definição dada ao agir do homem sobre a natureza. É algo que define em essência o ser natural do homem, pois este tem a obrigação de produzir sua existência através do empenho de esforço físico e intelectual para abstrair da natureza suas fontes de subsistência. Enquanto os animais se adaptam a natureza, o homem tem a difícil missão de adaptar a natureza a si, e transformá-la. O que existe neste processo é a interferência direta do homem para garantir a si seu processo existencial. O ato de trabalhar é, portanto, aquilo que o homem faz para produzir-se e produzi os bens necessários para garantir sua sobrevivência, colocando seu esforço e tecnologia sob a natureza tirando dela todo seu suprimento. E por ser um processo de transformação de si mesmo e da natureza, o homem entra num processo de formação e aprendizagem. Nesse sentido, a identidade do trabalho é propriamente educativa, pois o agir sobre a natureza é uma produção de conhecimento, onde se faz todo esse processo de transformação da natureza com os conhecimentos gerados e repassados pelo homem. (SAVIANI 2007, PAG. 154)

Engels (2013) acredita que o trabalho é tão importante na vida do homem que a existência deste não apenas é mantida, mas criada pelo trabalho, pois “é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 2013, P. 13).

A partir desta afirmação de Engels, acerca da criação do homem através do trabalho, o que fica claro, é que o homem é um ser qualquer na cadeia animal, no entanto, o fato deste trabalhar e agir na natureza com sua consciência e esforço físico modificando os meios naturais para adaptar o ambiente a si, é o que o diferencia de qualquer outra espécie animal. O processo de transformação na natureza através do trabalho é também um processo de formação da consciência humana, ou seja, um processo educativo.

O homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI 2007, Pag. 154)

Essa relação do trabalho com a produção de conhecimento tem sido nos estudos de Marx, um campo bastante amplo de debates sobre a transformação do homem, bem como sua ação na natureza em busca de desenvolver resposta as suas necessidades, e ainda, desempenhar atividades que garantam o prolongamento e a permanência de sua existência. (MARX, 1985, p. 152).

Compreender que existe uma relação natural entre o trabalho e a educação é o ponto inicial para analisarmos a história de formação do próprio homem. Pois este se forma na relação de empenho de trabalho na natureza, e nesse processo ele aprende e produz. Pois, “Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la” (SAVIANI, 2007, Pag. 154).

Sobre o trabalho como princípio educativo, Taddei (2014, pag. 23) afirma que é necessário a articulação entre o trabalho, como princípio educativo, no sentido ontológico, e a educação intelectual, destacando nessa relação, a importância da transmissão dos conhecimentos acumulados ao longo da história humana. Sendo que o trabalho tem uma identidade educativa que permite servir de instrumento de resistência e emancipação.

Na verdade, o trabalho sempre foi um processo de aprendizagem, pois “o ser” dos homens, ao longo da história, ao desempenhar suas funções laborais de sobrevivência sempre tiveram o aperfeiçoamento de suas técnicas e aprendizagens; é uma formação através da produção e da busca dos meios de existência, “Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo”. (SAVIANI, 2007, PAG. 154)

O trabalho é algo fundante na vida do homem, o processo de aprendizagem humana e de criação é totalmente coincidente com a ação do trabalho; uma vez que a identidade do trabalho pode, grosso modo, ser interpretada como uma identidade de aprendizagem, sendo que é através de tais aprendizagens que as ações, fruto das ideias dos homens, são aptas a serem materializadas.

No entanto, as mudanças na vida e na relação dos e entre os homens trouxeram a necessidades de mediações de um sistema social, que entre outras coisas, vem comprometendo a identidade de aprendizagem do trabalho.

De acordo com Antunes (2007) os homens vivem em sociedade, em grupos organizados e essa vivência em sociedade exige que os homens sejam mediados socialmente entre si e mediados em uma combinação com toda a totalidade social do seu meio, dentro de um sistema de produção. Neste caso, criou-se um sistema de mediações de primeira ordem e de segunda ordem, sendo que o de segunda ordem se sobrepõe historicamente ao de primeira ordem. O fato é que o sistema de primeira ordem serve para manter as funções vitais da reprodução da vida

do homem em sociedade. Já o sistema de segunda ordem é a introdução dos elementos de controle social; uma dinâmica de controle total de mediação reprodutiva. Essa mediação que o capitalismo traz na vida social dos homens é explicado pela própria lógica do capital, através da sua finalidade essencial, ou seja, expandir sempre o valor de troca. Subordinando todas as demais necessidades do homem aos interesses do capital.

Ainda conforme Antunes o capitalismo pode ser definido da seguinte forma:

É um sistema de mediações claramente identificável, o qual em suas formas convenientemente desenvolvidas subordina estritamente todas as funções reprodutivas sociais – das relações de gênero familiares à produção material, incluindo até mesmo a criação das obras de arte – ao imperativo absoluto da expansão do capital, ou seja, da sua própria expansão e reprodução como um sistema de metabolismo social de mediação” (idem: 117) (ANTUNES, 2007, Pag. 23).

Sabemos que o trabalho tem uma identidade propriamente educativa, no entanto, quando nos deparamos com a realidade de um país com a economia fortemente voltada para o modelo de desenvolvimento econômico capitalista, devemos buscar compreender como se dá essa relação entre o capital e o trabalho.

Saviani (2007) nos faz entender como ocorreu a separação entre o trabalho e a aprendizagem. Tudo aconteceu da seguinte forma: “O desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho e, daí, à apropriação privada da terra, provocando a ruptura da unidade vigente nas comunidades primitivas”. O autor em destaque, deixa claro que à princípio, o homem vivendo em vida comunal, produzia e aprendia e repassava os conhecimentos produzidos aos seus pares, e o ato de trabalhar se confundia com a própria aprendizagem, não havia nenhuma separação, aprender e trabalhar era uma única coisa. No entanto a partir da apropriação de terras, surgindo as propriedades privadas, o homem começou a ter além das posses, a terra, detinha também os meios de produção; desse ponto em diante, dividiu-se os homens em classes: de um lado os proprietários e de outro os que não tinha os meios de produção e que para sobreviverem tinham que se submeter a quem tinha. “Essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação”. Com as classes divididas e com a necessidade do repasse de conhecimento aos pares de cada classe, houve aí uma divisão educacional e, sobretudo uma divisão entre trabalho e educação. Surgindo assim, a educação propedêutica e a aprendizagem intelectualizada para a classe dos proprietários e um tipo de trabalho sem aprendizagem ou pelo menos com aprendizagem bem restrita e curta para a classe dos não proprietários (SAVIANI, 2007, PAG. 155).

Desta forma, a propriedade privada e a ideologia de produção deram vigor ao intento de separação entre educação e o trabalho. No entanto a aprendizagem é algo que está atrelada a

qualquer atividade desenvolvida pelo homem, e sendo assim, também ao trabalho. O capitalismo, mantido por tal ideia de propriedade privada, ao crescer pelo mundo tem colocado em xeque a identidade do trabalho como princípio educativo. Vejamos:

Antunes (2007, Pag. 31) nos leva a compreender como tem sido a lógica do trabalho para o capital. Segundo ele, o capitalismo é um sistema que tem se desenvolvido amplamente pelo mundo, e tem se mantido por um longo período de tempo, e vem acumulando capitais através da força do trabalho. O capital vivenciou seu ápice até os anos 60/70 através do modelo de produção fordista/ taylorista. Após os anos 70, esses modelos produtivos deram sinais de início de sua crise estrutural, onde o capital foi enfraquecido por conta da queda dos lucros, dos custos constantemente elevados para manter a operacionalidade de tais modelos, os custos da força de trabalho que estava se elevando e principalmente pela incapacidade de prosseguimento do modelo de desenvolvimento econômico fordista/taylorista. Embora esses modelos já trouxesse a supremacia do capital em cima do aprendizado, ainda não era o suficiente para levar o capitalismo onde ele planejava chegar.

A resposta à crise estrutural do capital veio através de um processo de reorganização tanto do capital quanto de seu sistema ideológico e político, e tudo isso trouxe como marco deste processo a implantação da política de desenvolvimento econômico neoliberal. O efeito da implantação das ideias de reestruturação do capitalismo teve efeitos diretos para a estrutura do trabalho: “ a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi expressão mais forte; intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho, com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores”. (ANTUNES, 2007, Pag. 33).

Se de um lado a crise da estrutura do capital trouxe como consequência a implantação da ideológica do neoliberalismo trazendo a possibilidades de crescimento econômico, por outro lado a estrutura do trabalho sofreu graves danos com relação a sua identidade educativa, pois agora, na perspectiva neoliberal, o que se percebe é a ideia de que a economia só poderia se desenvolver através de um trabalho mais mecanizado, e em condições ainda mais precária; grosso modo, podemos afirmar em Antunes (2007) que a identidade do trabalho sofreu uma degradação, pois tirou-se mais o teor educativo e implantou-se mais um teor alienante.

O que podemos observar é que embora o trabalho tenha em sua essência a identidade educativa; de acordo com Taddei (2014) “não é qualquer forma de trabalho que pode ser considerada como princípio educativo (...). Com efeito, o trabalho que degrada, que bestializa, que aliena, não pode servir de princípio para a construção de um projeto de educação

emancipatória”. Portanto, a identidade educativa do trabalho não pode ser compreendida como aprendizagem quando se trata de atividades alienantes, que tira do homem sua plena consciência de administração e criação espontânea de suas atividades laborais.

Tumolo (2005, p. 247- 248) faz um paralelo no pensamento entre o trabalho para o bem do próprio homem e o trabalho em prol do capital. Ele afirma que o fato do homem trabalhar e produzir são “condição eterna da humanidade para produzir sua vida em qualquer forma societal”, ou seja, trabalhar é algo fundante na vida do ser humano, e nesta perspectiva, a produção através do uso da força do trabalho, quando tem finalidade de produzir valor de uso das coisas, é algo inerente ao homem; não tem caráter capitalista. No entanto; de acordo com o autor citado, para Marx, a natureza capitalista se dá quando a força de trabalho se transforma em mercadoria, ou seja, quando a força do trabalho se transforma em algo de compra e venda, causando uma alienação do processo de criação que é o trabalho.

Levando em consideração a afirmação anterior, é possível entendermos que, a reestruturação do capitalismo, através de sua ideologia neoliberal, trouxe para o mundo o rompimento da identidade educativa do trabalho.

Antunes (2007, Pag. 54-55) afirma que, após a crise capitalista dos modelos de desenvolvimento econômico Fordista/taylorista, surgiu um novo modelo de trabalho, que seria desenvolvido dentro dos ambientes laborais de forma participativa e em conjunto; mas na verdade, tratava-se de um trabalho participativo manipulador, e que em essência preservava as condições de trabalho alienado e estranhado. Ou seja, diferentemente, daquele trabalho criador e fundante para os homens, o modelo em ascensão seria um tipo de trabalho manipulador. Para o autor citado, a realidade é que estava surgindo um processo de organização do trabalho, com o objetivo de intensificar as condições de exploração do trabalho, usando da força de trabalho para os interesses do capital; tirando do homem a identidade de um trabalho criativo em prol da relação entre produção e aprendizagem e direcionando um formato de trabalho produtivo mercadológico, onde o que realmente importa é o valor do lucro e os índices de produtividade.

Se de um lado ao empenhar força e dedicação intelectual, o trabalho como transformação da natureza em prol da existência do próprio homem traz para ele aprendizagem, podemos assim compreender que este tipo de trabalho funciona como afirmação da identidade do trabalho como princípio educativo. No entanto, quando o trabalho é utilizado por um sistema de mediação como o capitalismo em que é tirado do trabalho o sentido e a capacidade de criação espontânea, podemos entendê-lo como negação da identidade do trabalho como princípio educativo.

A estrutura do trabalho vem sendo modificada pelo desenvolvimento da ideologia mercadológica; pois, a “sociedade do capital” com seu insanável desejo por acréscimo de valor de troca, está necessitando cada vez menos do trabalho estável e sadio, a necessidade agora é por um trabalho sem significado e criatividade. Ou seja, o que a produção capitalista está em busca é da proclamação de um tipo de trabalho cada vez mais parcial, terceirizado e alheio a liberdade humana, tirando ao máximo o foco entre trabalho e aprendizagem. Assim o homem se torna um ser mais produtivo e comandado pelo sistema, sempre na busca pelo maior número possível de produção em um tempo mínimo. Agregando alto valor ao sistema. (ANTUNES 2007, PAG. 119)

Frigotto (2005, Pag.76) sobre o trabalho como algo educativo afirma que existe a necessidade de se pensar o trabalho num olhar mais crítico em que o mercado não seja o sujeito, ou seja, a necessidade é por compreender o trabalho em outro contexto social, em que o mercado seja apenas um contexto, e que o homem haja neste cenário produzindo para si mesmo, e não produzindo unicamente para o mercado. Bem como, o produto do trabalho de forma coletiva seja distribuído igualmente.

A partir do trecho acima, podemos afirmar em Frigotto, que contrariamente ao que busca o capitalismo, a necessidade mais urgente do homem, quando se pensa a partir da relação do trabalho como princípio educativo e o trabalho como força destinada a produção de mercado, é a busca da superação do trabalho alienante e sem sentido, tirando do mercado o papel de sujeito, e colocando o trabalho no seu devido lugar, que é um campo de desenvolvimento humano e de produção de conhecimento.

Antunes (2007) faz um importante alerta, em seu estudo, sobre o fato de o capitalismo além de todas as modificações que fez na estrutura e identidade do trabalho, tentar negar o trabalho vivo, na busca de ampliação do trabalho morto. A procura do capital é pela vivencia de um tipo de trabalho com o mínimo possível de interferência da criatividade, criticidade e reflexão do homem, o trabalho morto é a opção escolhida pela lógica de produção capitalista. Se a aprendizagem está vinculada a um trabalho cheio de criatividade e de abstração do ser do homem, então, a negação deste trabalho é o foco para o desenvolvimento do ideário de crescimento capitalista. Pois “o capital recorre cada vez mais às formas precarizadas e intensificadas de exploração do trabalho, que se torna ainda mais fundamental para a realização de seu ciclo reprodutivo” (ANTUNES 2007, PAG. 119-120).

3. Metodologia

Este trabalho é produzido através de uma abordagem qualitativa na busca de compreender como funciona as mudanças na estrutura do trabalho e como tais mudanças modificam a identidade educativa do trabalho. Através de um olhar histórico, levaremos em consideração os fatos que fazem do trabalho princípio educativo e as mudanças causadas em sua identidade através da estruturação do capital.

A pesquisa bibliográfica será utilizada para embasar nossa temática onde será destacado, conforme já mencionado anteriormente, conceitos sobre os aspectos históricos da identidade do trabalho. Levaremos em consideração os pensamentos de Taddei (2014); Engels (2013); Ricardo Antunes (2007); Tumolo (2005); Frigotto (2005); e principalmente, os pensamentos de Demerval Saviani (2007) com sua pesquisa intitulada “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos”, onde é abordada a temática do trabalho como algo inerente ao ser do homem, e por isso o destaca como princípio educativo.

A busca principal nesta pesquisa é entender como o trabalho tem sido reajustado ao longo do tempo, desde o início onde tinha um caráter totalmente ontológico e com o passar do tempo, com o desenvolvimento da propriedade privada, vem adquirindo um teor alienante e mercadológico, afastando-se do seu caráter educativo. Cabe neste trabalho responder a seguinte indagação: como vem ocorrendo a negação do trabalho como princípio educativo?

Acredita-se que ao responder esta pergunta, será possível abrir um momento de reflexão, e pelo fato do homem ter em si o poder da resistência, acredita-se ainda na possibilidade de mudanças, ou seja, repensar nossa atual situação da identidade do trabalho é ter em mãos uma oportunidade de pensar em mudanças.

4. Resultados e Discussão

Quando abordamos a temática do trabalho como princípio educativo, se faz necessário a princípio entender o que faz dele algo educativo e em segundo lugar como essa relação trabalho e educação vem se mantendo ao longo da história. O fato é que como já foi mencionado anteriormente, segundo Saviani (2007) o trabalho inicialmente se confundia com algumas atividades que o homem tinha para sua própria sobrevivência e assim com sua força de trabalho ia dando prosseguimento a sua vida. Possibilitando afirmar que a vida do homem, o trabalho e a educação eram coisas inseparáveis. Pois no ato de empenhar esforço físico para trabalhar e angariar recursos para manter sua sobrevivência, tornava a interferência na natureza um tipo de aprendizagem, ou seja, o trabalho coincide com o processo educativo.

O trabalho teve sua identidade modificada historicamente, antes o que era natural do homem, hoje caminha para um, sentido de força de trabalho empenhado e vendido, abstraído de aprendizagem e rico em alienação. Neste sentido, Ricardo Antunes em “os sentidos do trabalho” nos encaminha pelo entendimento de que o capitalismo vem tentando transformar o trabalho em fonte de produção de capitais, e nessa perspectiva, o intuito é tornar o trabalho cada vez mais distante do sentido ontológico, como algo criativo e espontâneo do homem, mas que a real intenção é dar ao trabalho um sentido mercadológico torna-lo um elemento de produção, pobre de sentido e distante de perspectiva de aprendizagem.

Em outro momento Antunes (2007, Pag. 119-123) nos traz informações importantes sobre a tentativa de manipulação do trabalho por parte do capital, pois segundo o autor, o capitalismo tentou a todo custo acabar com o trabalho vivo e ampliar o trabalho morto, mas pelo fato de não poder acabar com o trabalho vivo, ele tentou “super-explorar” o trabalho vivo, aumentando e intensificando a extração do “sobretabalho”, e essa é a forma que o capital nega a identidade do trabalho como princípio educativo. Fazendo do trabalho apenas um sujeito de apropriação de maiores índices de capitais, tirando dele a essência de produção de conhecimento através da interferência sobre a natureza, como meio de apropriação humana sobre a natureza. E ainda sobre conhecimento, Antunes, atribui ao capital uma tentativa de desenvolver conhecimento, mas destinado estritamente ao mercado de produção, é o que o autor chama de “transformação da ciência na principal força produtiva”.

Neste sentido Taddei (2014, Pag. 9) deixa claro que “não é qualquer forma de trabalho que pode ser considerada como princípio educativo”. É por isso, que num momento em que o trabalho já não é mais puramente produtor de conhecimento e aprendizagem, observamos que a identidade do trabalho enquanto princípio educativo se perfaz apenas em algumas situações, não sendo mais, diante da perspectiva do capital, algo totalmente inerente ao homem. E a principal interpretação neste momento é que nem todo trabalho é mais educativo.

Em Antunes (2007) podemos compreender que o rompimento da relação entre trabalho e processo de aprendizagem é tamanho diante da ideologia capitalista que a sociedade do capital não somente aliena o processo de trabalho, como transfere a aprendizagem do processo de trabalho para as máquinas, para que esta domine tanto a ciência como a força de trabalho, deixando o homem alheio aos conhecimentos que antes serviam para a própria vida como fora dos cenários de trabalho. Alheios ao conhecimento e alheios ao trabalho. A tendência é um rompimento de aprendizagem e ainda o rompimento do próprio trabalho. A tendência pelo trabalho morto leva “A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria

informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, por meio dos computadores” (Antunes 2007, Pag. 119-124)

Saviani explica que o fato da propriedade privada dividir os homens em classe, e essas tais classes dividir o cenário social, colocando de um lado os proprietários e de outro a classe dos não proprietários, fez com que a aprendizagem também se tornasse um processo dividido. De um lado, os proprietários aprendem a comandar e de outro, os -não proprietários- aprendem a manipular os meios de produção. Nesta relação, as classes, ao serem divididas, também causam divisão na identidade do trabalho, pois agora temos, um tipo de trabalho associado a ideia de aprendizagem de comando e de outro um tipo de trabalho alienante no mercado de produção ou a grosso modo, tem-se um tipo de trabalho com a plena negação da identidade educativa, são exercícios profissionais alienantes. (SAVIANI, 2007, PAG. 155)

5. Considerações Finais

De acordo com as informações exploradas neste trabalho, é possível compreender que as mudanças causadas pela reestruturação do capital trouxeram intensas modificações na identidade educativa do trabalho. A principal mudança foi a ideia associada à estrutura do trabalho, onde antes tínhamos a concepção de que o trabalho era algo totalmente inerente a vida do homem e exatamente por isso, tínhamos a relação concreta entre aprendizagem e trabalho, atualmente temos uma nova conjuntura que vem se constituindo através da ideologia do capital, no entanto, a sociedade do capital, tornou nesse contexto a ideia de que é comum a associação de trabalho com um tipo de ideologia mercadológica.

A negação do trabalho como princípio educativo se faz com a implantação da ideia de que o trabalho é transformado em elemento de desenvolvimento do capital. Ou seja, o trabalho tornando-se um elemento com teor mercadológico, virando uma mercadoria que pode ser vendida ou empenhada sua força de trabalho em favor da plena produção.

A necessidade é por um resgate da identidade própria do trabalho, abrindo-se mão das raízes de interpretação via capital, e ampliando-se o entendimento real do trabalho como algo fundante na vida do homem.

A afirmação da identidade do trabalho como algo criativo, que educa, cria e gera aprendizagem tem que levar em conta o movimento dialético do homem com o trabalho, num movimento de relação tão íntimo que não pode ser separado, tão pouco transformado em elemento de manipulação e de uso do capital. “Assume-se que o ser humano é capaz de produzir-se e

modificar-se na relação com os demais, em um movimento dialético, sujeito-objeto, criando e recriando, de forma consciente a própria existência”. (MOURA, 2007).

Referências

Antunes, R. (2007). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Engels, F. (2013). *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. In ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular.

Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (2005). *O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores*. In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. *Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional profissional*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT.

Moura, D. H. (2007). *Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração*. In: 30ª reunião Anual da ANPED, 2007, Caxambu. *Anais da 30ª reunião Anual da ANPED*. CAXAMBU: ANPED, 2007. Recuperado em 16 dezembro, 2018, de <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>.

Saviani, D. (2007). *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Rev. Bras. Educ. [online]., vol. 12, n.34, pp.152-165. ISSN 1413-2478. Recuperado em 21 dezembro, 2018, de <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782007000100012>.

Taddei, P. E. D., Dias, B. V. G. & Silva, A W P da. (2014). *Considerações sobre o trabalho como princípio educativo e a educação como instrumento de resistência e emancipação*. Revista trabalho necessário. Ano 12, n. 19, Núcleo de estudos. Recuperado em 26 dezembro, 2018, de http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_19/TN_19_1_novembro.pdf.

Tumolo, P. S. (2005). *O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?* Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p.239-265, Jan/Abr.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Alcemir Horácio Rosa – 50%

Francisco José Alves de Aquino – 50%